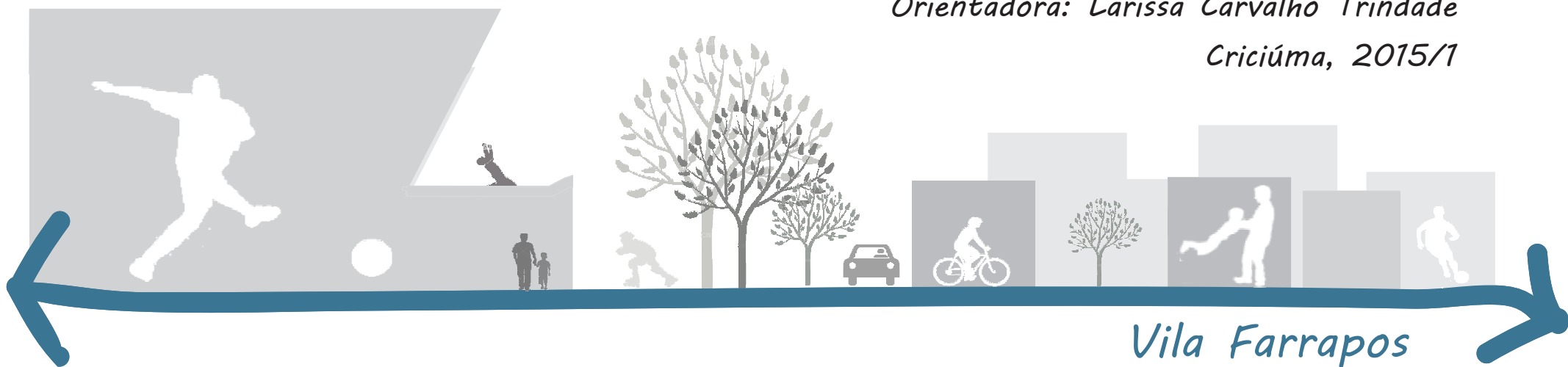


UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO  
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO I

*Acadêmica: Jordana Engler Hahn*  
*Orientadora: Larissa Carvalho Trindade*  
*Criciúma, 2015/1*







## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus, pela minha vida, pela jornada enfrentada até aqui e por me fazer acreditar que tudo isso seria possível.

Sou grata a minha mãe Terezinha Hahn, pela força, apoio e palavras de conforto nas horas difíceis, estímulo e compreensão e por fazer de mim a pessoa que me tornei.

Ao meu namorado Dilson Coelho, pela tolerância todos esses anos, pelo amor, carinho, paciência e incentivo nas horas difíceis.

Ao meu primo Joarez Hahn de Souza, pelas visitas acompanhadas à Vila Farrapos, pelo companheirismo e cumplicidade.

Aos amigos e colegas, que fizeram parte dessa caminhada, que sofreram, trabalharam, comemoraram e estão junto a mim finalizando esse belo ciclo da vida.

A professora Larissa Carvalho Trindade, que me orientou com sabedoria, acreditou em mim, compartilhou seus conhecimentos da melhor forma possível e sempre me motivou.

A todos os professores que fizeram parte do meu desenvolvimento acadêmico, em especial ao Mauricio Pamplona, pelo auxílio na leitura dos materiais que contribuíram para o presente trabalho.

Aos profissionais do Departamento Municipal de Habitação de Porto Alegre (DEMHAB), Comissão de análise urbanística e gerenciamento (CAUGE) e do Museu de comunicação Hipólito José da Costa que me forneceram os materiais necessários para o desenvolvimento do trabalho.

Obrigada a todos, que de certa forma estiveram presente e contribuíram para a realização dessa etapa da minha vida.







“ Quando os urbanistas ambicionam mais do que simplesmente garantir que as pessoas caminhem e pedalem nas cidades, o foco se amplia de simplesmente proporcionar espaço suficiente para circulação, para o desafio, muito mais importante, de possibilitar que as pessoas tenham contato direto com a sociedade em torno delas.” (GEHL, 2013, pag. 63).





# SUMÁRIO

## 1. INTRODUÇÃO

1.1 Problematização e Justificativa.....	06
1.2 Objetivos.....	08
1.2.1 Objetivo Geral.....	08
1.2.2 Objetivos Específicos.....	08
1.3 Procedimentos Metodológicos.....	09

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Um século de favela.....	11
2.1.1 Origens da favela e inserção social.....	11
2.1.2 Urbanização de favelas no Brasil.....	13
2.1.4 Terminologias .....	15
2.2 Os “REs” das intervenções urbanas.....	16
2.3 Gentrificação.....	17
2.4 Planejamento urbano.....	18
2.4.1 Desenvolvimento urbano.....	19
2.4.2 Problemas urbanos e conflitos sociais.....	20
2.5 A questão da Habitação de Interesse Social.....	21
2.5.1 No Brasil.....	21
2.5.2 Em Porto Alegre.....	23

## 3. REFERENCIAIS

3.1 Projeto urbanístico Nova Luz.....	26
3.2 Concurso Renova SP - Morro do S4.....	28
3.3 Projeto urbano Integral de Medellín (UPI).....	31
3.4 Cidade para pessoas.....	32

## 4. CONTEXTUALIZAÇÃO DO RECORTE

4.1 O Município.....	36
4.1.1 Localização de Porto Alegre.....	36
4.1.2 Processo de desenvolvimento.....	37
4.1.3 Ocupação Irregular.....	39
4.2 O Recorte.....	40
4.2.1 Dados bairro Farrapos.....	41
4.2.2 Plano Diretor.....	46
4.3 Propostas e intervenções contemporâneas para a área.....	48
4.3.1 Complexo Arena do Grêmio.....	48
4.3.2 Programa Integrado Entrada da Cidade (PIEC).....	54
4.4 Análise do contexto atual.....	55

## 5. PARTIDO

5.1 Conceitos.....	70
5.2 Identidade visual.....	71
5.3 Diretrizes.....	72
5.4 O Plano.....	73
5.4.1 Ações de projeto.....	75
5.4.2 Hierarquia viária.....	88
5.4.3 Sistema de transporte coletivo.....	89
5.4.4 Cenário dia de jogo (mobilidade).....	90
5.4.5 Plano geral.....	91
5.4.6 Cenário atual x cenário proposto.....	93
5.4.7 Perspectiva TCII.....	96

6. Referências bibliográficas.....	97
------------------------------------	----



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b> Favela no rio de Janeiro .....	06	<b>Figura 33:</b> Estudo de intervenção.....	30
<b>Figura 02:</b> Favela em Manaus.....	06	<b>Figura 34:</b> Proposta de tipologia habitacional.....	30
<b>Figura 03:</b> Favela em Porto Alegre.....	06	<b>Figura 35:</b> Projeto urbano integrado (UPI) de Medellin.....	31
<b>Figura 04:</b> Complexo Vila Farrapos.....	07	<b>Figura 36:</b> Metrocable.....	31
<b>Figura 05:</b> Complexo Vila Farrapos.....	07	<b>Figura 37:</b> Sistema escadas rolantes.....	31
<b>Figura 06:</b> Complexo Vila Farrapos.....	07	<b>Figura 38:</b> Representação gráfica da ligação entre qualidade de ambientes externos e atividades ao ar livre.....	32
<b>Figura 07:</b> Morro da Providência (1900).....	11	<b>Figura 39:</b> Fachadas ativas.....	32
<b>Figura 08:</b> Cortiços Morro da Providência.....	11	<b>Figura 40:</b> Espaços de transição suaves em áreas residenciais.....	32
<b>Figura 09:</b> Morro da Providência (2015).....	11	<b>Figura 41:</b> Espaços de reunir.....	33
<b>Figura 10:</b> Paraisópolis, favela na cidade de São Paulo.....	12	<b>Figura 42:</b> Espaços convidativos.....	33
<b>Figura 11:</b> Domicílios em Favelas no Brasil.....	13	<b>Figura 43:</b> Porto Alegre.....	36
<b>Figura 12:</b> População em favelas por região.....	13	<b>Figura 44:</b> Região Metropolitana de Porto Alegre.....	36
<b>Figura 13:</b> Programa Favela-Bairro, imagem antes x depois do programa em favela no Rio de Janeiro.....	14	<b>Figura 45:</b> Organização urbana.....	37
<b>Figura 14:</b> Projeto programa Morara Carioca.....	14	<b>Figura 46:</b> Porto Alegre 2014.....	38
<b>Figura 15:</b> Projeto Nova Luz, São paulo.....	16	<b>Figura 47:</b> Porto Alegre 2014.....	38
<b>Figura 16:</b> Projeto Nova Luz, São paulo.....	16	<b>Figura 48:</b> Densidade populacional.....	38
<b>Figura 17:</b> Projeto Nova Luz, São paulo.....	16	<b>Figura 49:</b> Ocupação irregular Zona norte da cidade.....	39
<b>Figura 18:</b> Edifício Industrial Mabonerg.....	17	<b>Figura 50:</b> Núcleos de ocupação irregular em áreas de Preservação Permanente.....	39
<b>Figura 19:</b> Favela da Paz (vizinha do Itaquerão).....	17	<b>Figura 51:</b> Localização do bairro no Município.....	40
<b>Figura 20:</b> Esquema de planejamento.....	18	<b>Figura 52:</b> Recorte e entorno imediato.....	41
<b>Figura 21:</b> Esquema de planejamento.....	18	<b>Figura 53:</b> Bairro Farrapos.....	41
<b>Figura 22:</b> Exemplo de desenvolvimento urbano.....	19	<b>Figura 54:</b> Bairro Farrapos.....	41
<b>Figura 23:</b> Problemas urbanos.....	20	<b>Figura 54:</b> Bairro Farrapos.....	41
<b>Figura 24:</b> Problemas urbanos (favela).....	20	<b>Figura 56:</b> Bairro Farrapos.....	41
<b>Figura 25:</b> Moradia digna.....	21	<b>Figura 57:</b> Topografia e hidrografia.....	42
<b>Figura 26:</b> Charge- Direito à moradia.....	21	<b>Figura 58:</b> Imagem maquete física   Av. Padre Leopoldo Bretano.....	42
<b>Figura 27:</b> Construção Vila IAPI (Porto Alegre 1950).....	24	<b>Figura 59:</b> Imagem maquete física   Intersecção Br 290 e BR 448.....	42
<b>Figura 28:</b> Entrega de casas na Vila Farrapos.....	24	<b>Figura 60:</b> Imagem maquete física   Perspectiva geral.....	42
<b>Figura 29:</b> Vista aérea ilustrativa do perímetro integra do projeto.....	26	<b>Figura 61:</b> Estratégia de sistema de planejamento.....	43
<b>Figura 30:</b> Estudo de implantação.....	28		
<b>Figura 31:</b> Perímetro de intervenção.....	28		
<b>Figura 32:</b> Estudo da proposta.....	30		

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 62:</b> Macrozonas.....	43	<b>Figura 96:</b> Malha viária.....	54
<b>Figura 63:</b> Macrozona 2.....	44	<b>Figura 97:</b> Sistema de transporte coletivo   Linha B2.....	55
<b>Figura 64:</b> Proposta PDDAU bairro Farrapos.....	44	<b>Figura 98:</b> Sistema de transporte coletivo   Linha 701.....	56
<b>Figura 65:</b> Estádio Baixada do Moinhos de vento 1936.....	45	<b>Figura 99:</b> Sistema de transporte coletivo   Transporte Integrado.....	56
<b>Figura 66:</b> Estádio Olímpico Monumental, 1960.....	45	<b>Figura 100:</b> Sistema de transporte coletivo   Lotação.....	56
<b>Figura 67:</b> Estádio Olímpico Monumental, 2010.....	45	<b>Figura 101:</b> Ponto de ônibus   Av. A.J.Renner.....	57
<b>Figura 68:</b> Esquema de influência BR 448.....	46	<b>Figura 102:</b> Pontos de ônibus.....	57
<b>Figura 69:</b> Viaduto da BR 448.....	46	<b>Figura 103:</b> Pontos de ônibus.....	57
<b>Figura 70:</b> Construção do viaduto da BR 448.....	46	<b>Figura 104:</b> Comércio adaptado.....	58
<b>Figura 71:</b> Localização da Arena no Município.....	46	<b>Figura 105:</b> Usos do recorte.....	58
<b>Figura 72:</b> Projeto Complexo Arena do Grêmio.....	47	<b>Figura 106:</b> Áreas de maior adensamento.....	59
<b>Figura 73:</b> Projeto Complexo Arena do Grêmio.....	47	<b>Figura 107:</b> Maquete eletrônica   Adensamento.....	59
<b>Figura 74:</b> Projeto de implantação Arena do Grêmio.....	47	<b>Figura 108:</b> Cheios e vazios.....	59
<b>Figura 75:</b> Perspectiva do projeto.....	47	<b>Figura 109:</b> Maquete eletrônica   Corte esquemático.....	60
<b>Figura 76:</b> Fachada Av. Padre Leopoldo Bretano.....	48	<b>Figura 110:</b> Maquete eletrônica   Corte esquemático.....	60
<b>Figura 77:</b> Vista Av. 01.....	48	<b>Figura 111:</b> Maquete eletrônica   Av. Padre Leopoldo Bretano.....	60
<b>Figura 78:</b> Projeto Arena do Grêmio.....	49	<b>Figura 112:</b> Maquete eletrônica   Av. Voluntários da Pátria.....	60
<b>Figura 79:</b> Projeto Arena do Grêmio.....	49	<b>Figura 113:</b> Maquete eletrônica   Av. A.J.Renner.....	60
<b>Figura 80:</b> Arena do Grêmio.....	49	<b>Figura 114:</b> Maquete eletrônica   Áreas verdes públicas.....	60
<b>Figura 81:</b> Arena do Grêmio.....	49	<b>Figura 115:</b> Áreas verdes públicas   Playground.....	61
<b>Figura 82:</b> Imagem BR 290 antes da Arena.....	50	<b>Figura 116:</b> Áreas verdes públicas.....	61
<b>Figura 83:</b> Imagem BR 290 com a Arena.....	50	<b>Figura 117:</b> Área verde pública   Invasão.....	62
<b>Figura 84:</b> Interior Vila Farrapos sem a Arena.....	50	<b>Figura 118:</b> Área verde pública   Arborização.....	62
<b>Figura 85:</b> Interior Vila Farrapos com a Arena.....	50	<b>Figura 119:</b> Área verde pública.....	62
<b>Figura 86:</b> Trânsito da Vila Farrapos sem a Arena.....	50	<b>Figura 120:</b> Área verde pública.....	62
<b>Figura 87:</b> Trânsito da Vila Farrapos com a Arena.....	50	<b>Figura 121:</b> Unidade básica de saúde .....	63
<b>Figura 88:</b> Comunicação visual do PIEC.....	51	<b>Figura 122:</b> Equipamentos públicos.....	63
<b>Figura 89:</b> Bairros de implantação do PIEC.....	51	<b>Figura 123:</b> Escola de educação infantil.....	64
<b>Figura 90:</b> Imagem atual do bairro.....	52	<b>Figura 124:</b> Escola de ensino fundamental.....	64
<b>Figura 91:</b> Maquete eletrônica   Situação atual do bairro.....	52	<b>Figura 125:</b> Associação de moradores.....	64
<b>Figura 92:</b> Hierarquia viária.....	53	<b>Figura 126:</b> Paróquia Santíssima Trindade.....	64
<b>Figura 93:</b> Av. Padre Leopoldo Bretano.....	53	<b>Figura 127:</b> Escola de ensino médio.....	65
<b>Figura 94:</b> Hierarquia viária.....	53		
<b>Figura 95:</b> Malha viária.....	54		



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 128:</b> Escola de ensino fundamental.....	65	<b>Figura 160:</b> Equipamentos públicos.....	83
<b>Figura 129:</b> Centro policial.....	65	<b>Figura 161:</b> Vazio urbano.....	84
<b>Figura 130:</b> Áreas de ocupações irregulares e sem parcelamento da terra.....	66	<b>Figura 162:</b> Vazio urbano.....	84
<b>Figura 131:</b> Áreas de ocupação irregular.....	66	<b>Figura 163:</b> Implantação Centro esportivo.....	85
<b>Figura 132:</b> Usos do recorte.....	67	<b>Figura 164:</b> Centro esportivo.....	85
<b>Figura 133:</b> Maquete eletrônica   Conflitos, potencialidades e deficiências.....	68	<b>Figura 165:</b> Antigos galpões da Benassi.....	86
<b>Figura 134:</b> Usos do recorte.....	73	<b>Figura 166:</b> Croqui Centro de triagem e Cooperativa de reciclagem.....	86
<b>Figura 135:</b> Usos do recorte.....	74	<b>Figura 167:</b> Galpões.....	86
<b>Figura 136:</b> Usos do recorte.....	74	<b>Figura 168:</b> BR 290 .....	87
<b>Figura 137:</b> Proposta 01.....	75	<b>Figura 169:</b> Faixa entre a BR 290 e a Av. Voluntários.....	87
<b>Figura 138:</b> Proposta 02.....	75	<b>Figura 170:</b> Área de amortecimento BR 290.....	87
<b>Figura 139:</b> Proposta 03.....	75	<b>Figura 171:</b> Área de amortecimento.....	87
<b>Figura 140:</b> Av. Padre Leopoldo Bretano.....	76	<b>Figura 172:</b> Hierarquia viária.....	88
<b>Figura 141:</b> Imagem inferior ao viaduto da BR 448.....	76	<b>Figura 173:</b> Ponto de ônibus.....	89
<b>Figura 142:</b> Av. Padre Leopoldo Bretano.....	76	<b>Figura 174:</b> Sistema de transporte coletivo.....	89
<b>Figura 143:</b> Croqui inferiores ao viaduto da BR 448.....	77	<b>Figura 175:</b> Edifício garagem.....	90
<b>Figura 144:</b> Corte AA.....	77	<b>Figura 176:</b> Cenário dia de jogo.....	90
<b>Figura 145:</b> Corte Av. Voluntários da Pátria.....	78	<b>Figura 177:</b> Plano geral.....	91
<b>Figura 146:</b> Corte Av. A.J.Renner.....	78	<b>Figura 178:</b> Maquete eletrônica   Perspectiva geral.....	92
<b>Figura 147:</b> Requalificação de vias.....	78	<b>Figura 179:</b> Maquete eletrônica   Cenário atual.....	93
<b>Figura 148:</b> Corte via local   Ciclofaixa.....	79	<b>Figura 180:</b> Maquete eletrônica   Cenário proposto.....	93
<b>Figura 149:</b> Ciclovia.....	79	<b>Figura 181:</b> Av. Padre Leopoldo Bretano   Cenário atual.....	94
<b>Figura 150:</b> Ciclofaixa.....	79	<b>Figura 182:</b> Av. Padre Leopoldo Bretano   Cenário Proposto.....	94
<b>Figura 151:</b> Corte via coletora   Ciclovia.....	79	<b>Figura 183:</b> Av. Voluntários da Pátria   Cenário atual.....	94
<b>Figura 152:</b> Ciclovias e ciclofaixas.....	79	<b>Figura 184:</b> Av. Voluntários da Pátria   Cenário Proposto.....	94
<b>Figura 153:</b> Corte esquemático   Gabaritos.....	80	<b>Figura 185:</b> Av. A.J.Renner   Cenário atual.....	95
<b>Figura 154:</b> Intervenções.....	80	<b>Figura 186:</b> Av. A.J.Renner   Cenário Proposto.....	95
<b>Figura 155:</b> Eixo peatonal comercial.....	81	<b>Figura 187:</b> R. Frederico Mentz   Cenário atual.....	95
<b>Figura 156:</b> Eixo peatonal.....	81	<b>Figura 188:</b> R. Frederico Mentz   Cenário proposto.....	95
<b>Figura 157:</b> Praça do esporte.....	82	<b>Figura 189:</b> Perspectiva   Sub-recorte .....	96
<b>Figura 158:</b> Praça 1   Espaços de desncanso.....	82	<b>Figura 190:</b> Sub-recorte.....	96
<b>Figura 159:</b> Articulação dos espaços verdes públicos.....	82		



## LISTA DE ABREVIATURAS

DEMHAB: Departamento Municipal de Habitação  
CAUGE: Comissão de Análise Urbanística e Gerenciamento  
PMCPA: Prefeitura municipal de Porto Alegre  
IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IAB: Instituto de Arquitetos do Brasil  
CAP: Caixas de Aposentadoria e Pensão  
IAPI: Instituto de Aposentadorias e Pensões  
SFH: Sistema Financeiro Habitacional  
BNH: Banco Nacional de Habitação  
FGTS: Fundo de Garantia por Tempo de Serviço  
PlanHab: Plano Nacional de Habitação  
COHAB: Cooperativa Habitacional  
PDDU: Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano  
PDDUA: Plano Diretor de Desenvolvimento Ambiental  
PUI: Projeto Urbano Integral  
IDH: Índice de Desenvolvimento Humano  
ONU: Organização das Nações Unidas  
APP: Área de Preservação Permanente  
IA: Índice de Aproveitamento  
TO: Taxa de Ocupação  
TI: Taxa de Infiltração  
FIFA: Federação Internacional de futebol  
PIEC: Programa Integrado Entrada da Cidade  
TRI: Transporte Integrado  
HIS: Habitação de Interesse Social





# 1. INTRODUÇÃO





# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 Problemática e Justificativa

O crescimento populacional desordenado principalmente nas grandes cidades está associado à ocupação das áreas periféricas, resultando em assentamentos irregulares<sup>1</sup>, que em sua maioria são desprovidos de serviços de infraestrutura, tais como acessibilidade, esgotamento sanitário e drenagem, além dos serviços públicos, como educação, saúde e lazer. A precariedade dessas áreas contribui para a segregação espacial, exclusão social, falta de qualidade de vida e péssimas condições de habitabilidade, fragilizando socialmente a população desses assentamentos.

A segregação espacial reflete a divisão da renda e se traduz, notadamente, pelo acesso desigual às infraestruturas e ao solo construível, a essa população, excluída do mercado imobiliário regular e na ausência de uma promoção pública adaptada a seus meios, não lhes resta outra escolha, senão, a de resolver a questão de sua habitação na cidade ilegal (SACHS, 1999, Apud, MARTINS, 2007, p. 19).

A questão habitacional é um dos temas de maior relevância na problemática das grandes cidades brasileiras, segundo o Art. 6º da Constituição Federal, de 1988, habitar é o requisito mínimo para o pleno exercício da cidadania. No entanto, a proporção da população que vem vivendo em péssimas condições de moradia representa cerca de 6% da população do país conforme o censo do IBGE de 2010.

1. Ocupações inseridas em parcelamentos informais ou irregulares, localizadas em áreas urbanas públicas ou privadas, utilizadas predominantemente para fins de moradia (Lei Federal 11.977/2009).

### Situações de favelas no Brasil



**Figura 01** - Favela no Rio de Janeiro (RJ)  
FONTE: uol, 2013



**Figura 02** - Favela em Manaus (AM)  
FONTE: portalamazonia, 2011



**Figura 03** - Favela em Porto Alegre (RS)  
FONTE: clicrbs, 2013

## 1. INTRODUÇÃO

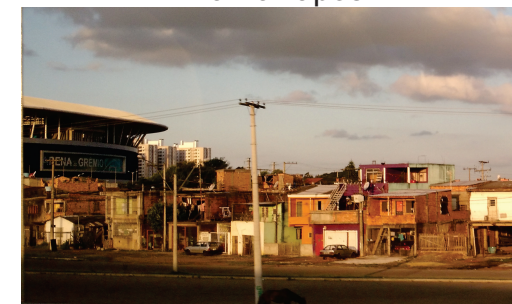
A cidade de Porto Alegre tem seu principal acesso localizado no extremo norte, composto pelos bairros Farrapos, Humaitá e Navegantes, que possuem como principal característica o adensamento populacional, a situação desordenada do uso da terra e dos recursos urbanos, apresentando sinais de saturação e passando por várias crises sociais, entre elas o criminalismo, uso de drogas, alto índice de analfabetismo e desemprego. Devido a todos esses fatores a entrada da cidade torna-se um cenário degradado, constituindo uma percepção desfavorável ao ambiente urbano.

O novo estádio do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, batizado de Arena do Grêmio, foi inaugurado em 08 de dezembro de 2012 e desde então vem causando discussões com relação à população que habita o seu entorno. Localizado no bairro Humaitá, o estádio é vizinho do complexo Vila<sup>2</sup> Farrapos, onde a população residente vive em condições precárias de habitação e em estado de extrema pobreza. Desde a chegada do estádio a população vem sofrendo com a falta de interação com o equipamento, o grande aumento de fluxos de pessoas e automóveis em dias de jogo gera um transtorno expressivo. O que poderia ser uma oportunidade para quem mora ao lado de um moderno estádio de futebol, acabou transformando-se em risco e ameaça, contribuindo ao processo de gentrificação<sup>3</sup>.

2. Vila é como se chamam bairros populares ou, mais ou menos, o correspondente a favelas, no Rio Grande do Sul. (Heck, 2012)

3. O termo *gentrificação* foi criado em 1964 por Ruth Glass para descrever o processo que teve início nos anos 1950, através do qual algumas áreas residenciais deterioradas no centro de Londres, ocupadas pela classe trabalhadora, estavam sendo transformadas em áreas residenciais para a classe média. (FURTADO, 2014)

Vila Farrapos



**Figura 04** - Complexo Vila Farrapos  
FONTE: Autor, 2015



**Figura 05** - Complexo Vila Farrapos  
FONTE: skyscrapercity, 2014



**Figura 06** - Complexo Vila Farrapos  
FONTE: gasometro, 2014

# 1. INTRODUÇÃO

Segundo Heck (2012) a Arena proporciona valorização rápida das áreas do entorno e a expulsão gradativa dos moradores, que são pobres e trabalhadores, muitos deles catadores de materiais recicláveis. Para que seja cumprida a função social, faz-se necessário integrar a população carente a um equipamento que poderá trazer reflexos positivos como geração de emprego, alternativas de renda e desenvolvimento comunitário. E acima de tudo para a proporcionar qualidade de vida e a inserção social da população é preciso garantir a qualificação do espaço urbano e a melhoria da Habitação de Interesse Social.

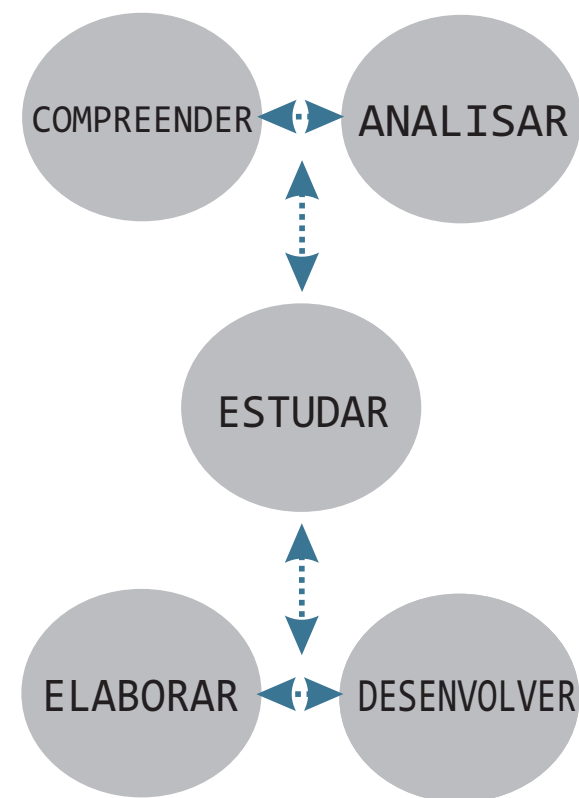
## 1.2 Objetivos

### 1.2.1 Objetivo Geral

Desenvolver um projeto de reabilitação urbana no bairro Farrapos em Porto Alegre/RS, buscando soluções que qualifiquem o setor habitacional e a integração da comunidade com os equipamentos do seu entorno.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- Compreender a origem dos aglomerados subnormais e a formação de bolsões de miséria, identificando as necessidades sociais decorrentes do processo;
- Analisar o contexto e as políticas públicas habitacionais no Brasil e na cidade de Porto Alegre relacionando-as com as área estudada;
- Estudar referências que possibilitem a compreensão das estratégias projetuais utilizadas em prol da melhoria das condições urbanas e de habitação;
- Elaborar um plano de reabilitação urbana para o Bairro Farrapos propondo melhores condições de habitabilidade e favorecendo o convívio social;
- Desenvolver projeto urbano em um sub-recorte da área, a ser selecionado a partir do plano elaborado (TCII).



Esquema - Objetivos



## 1.3 Procedimentos Metodológicos

A metodologia utilizada para a elaboração do presente trabalho consiste no levantamento bibliográfico em dissertações, teses, artigos, periódicos e livros pertinentes ao tema adotado enquanto fundamentação teórica, compreensão histórica, evolução do planejamento e gestão urbana e programas habitacionais, partindo do âmbito nacional, estadual e por fim municipal.

A consulta em trabalhos acadêmicos com abordagens semelhantes contribui para o desenvolvimento do trabalho e são utilizados como referências, é válido citar alguns trabalhos desenvolvidos por acadêmicos da Universidade que serviram de apoio: Cechinel (2013), Pagani (2013), Pereira (2013), Silvestre (2013), e Zanette (2012),

Para o entendimento do bairro e do recorte a ser trabalhado faz-se necessário estudo referente a história local, através de pesquisas realizadas em documentos arquivados no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. Para o entendimento da situação atual da área a pesquisa será realizada junto ao Departamento Municipal de Habitação (DEMHAB) e a Comissão de análise urbanística e gerenciamento (CAUGE).

Em visitas a campo é possível realizar observações e levantamento "in loco" a fim de complementar as informações coletadas que muitas vezes não estão atualizadas na documentação do município.

Os estudos realizados a partir de referências teóricas e de projeto auxiliam na concepção e pertinência do tema, além de possibilitarem melhor entendimento das escalas a serem trabalhadas. O presente trabalho é desenvolvido a partir de três etapas principais:

**Plano:** Decisões de caráter geral, grandes linhas políticas, estratégias e diretrizes.

**Programa:** Objetivos setoriais do plano.

**Projeto:** Detalhamento de alternativas singulares de intervenção.

### 1. LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO



- Urbanização de Favela;
- Reabilitação Urbana;
- Plano e projeto urbano;
- Processo de gentrificação;
- Habitação de interesse social.

### 2. COLETA DE DADOS



- Prefeitura Municipal de Porto Alegre;
- Departamento Municipal de Habitação (DEMHAB);
- Comissão de análise urbanística e gerenciamento;
- Museu de comunicação social Hipólito José da Costa;
- Habitasul.

### 3. LEITURA URBANA



- Saída a campo;
- Interpretação do recorte;
- Análises em diferentes escalas;
- Programa de necessidades.

### 4. PESQUISA REFERÊNCIAS PROJETUAIS



- Referenciais Metodológicos
- Referenciais Urbanos

### 5. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO



- Plano de Reabilitação urbana (TCI)
- Projeto Urbano(TCII)



## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA





## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Um século de favela

Favela é um termo utilizado para nomear áreas de habitação precária, onde a população não dispõe de serviço público e vive em áreas irregulares. Segundo Meirelles e Athayde (2014) a palavra favela surgiu no Rio de Janeiro, no começo do século XX, para descrever um bairro popular formado no morro da Providência (fig. 07, 08 e 09). Por vezes, favela e favelado equivalem a categorias de acusação, que estigmatizam a dimensão social da geografia e estendem preconceitos à população.

Pode-se afirmar que as favelas surgem a partir da necessidade de sobrevivência das pessoas carentes, que sem alternativas constróem suas casas em terrenos do qual não possuem propriedades e se transformam rapidamente em grandes comunidades devido ao descaso do poder público.

#### 2.1.1 Origens da favela e inserção social

De acordo com Meirelles e Athayde (2014) inicia-se nas primeiras décadas do século XX o surgimento das favelas no Brasil, terminada a Guerra dos Canudos<sup>1</sup> no sertão da Bahia, os soldados republicanos voltaram ao Rio de Janeiro reivindicando ao governo as casas que haviam sido prometidas aos veteranos do conflito, porém a promessa não foi cumprida e além de não terem onde morar os soldados passaram a não receber seus saldos. Dessa forma, instalaram-se em casas de madeira, sem infraestrutura alguma em morros da cidade.

1. Confronto entre o exército brasileiro e os integrantes de um movimento popular de fundo sócio-religioso, que durou de 1896 a 1897, na comunidade de Canudos, interior do estado da Bahia, no nordeste do Brasil.

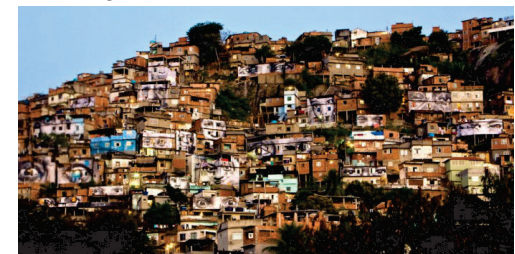
#### PRIMEIRA FAVELA DO BRASIL



**Figura 07** - Morro da Providência (1900)  
FONTE: globo, 2009



**Figura 08** - Cortiços Morro da Providência (1958)  
FONTE: globo, 2009



**Figura 09** - Morro da Providência (2015)  
FONTE: soulbrasileiro, 2015

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesse período, condições higiênicas e sanitárias indicavam focos de doenças contagiosas, resultando em um alto índice de mortalidade devido a esse processo, assim a extinção ou deslocamento dessa população converteu-se em exigência de saúde pública.

A partir de 1940 as favelas foram definidas como espaço de pobreza que depreciava o valor imobiliário de bairros vizinhos, por essa razão intensificaram as ações de erradicação<sup>2</sup>. A década de 1950 foi marcada pela expansão das favelas nas periferias das grandes cidades e por volta de 1960 iniciaram as primeiras iniciativas de melhorias, sendo a favela Brás de Pina no Rio de Janeiro a pioneira dessas ações, que segundo Magalhães e Villarosa (2012) foi urbanizada através da mobilização popular contra a remoção.

Surgiram por volta de 1970 as primeiras políticas públicas de urbanização de assentamentos precários, proporcionando melhores condições na infraestrutura e melhorando as soluções arquitetônicas, assim vários municípios passaram a considerar que esses assentamentos são passíveis de integração à cidade. A Constituição Federal de 1988 disponibilizou opções urbanísticas para o cumprimento da função social, incidindo diretamente nas políticas para o desenvolvimento desses assentamentos.

Apesar disso, por volta de 1990, as favelas eram tidas como uma ameaça ao restante da cidade, devido à violência e criminalidade, houve então a era das remoções, para limpar a paisagem urbana e camuflar a ambiência degradada. Expulsões, incêndios criminosos, invasões brutais do Estado, caracterizaram a memória dos habitantes em relação a esse período.

### PARAISÓPOLIS (contraste social)



**Figura 10** - Paraisópolis, favela na cidade de São Paulo.  
FONTE: Tuca Vieira, 2014

A região do Morumbi em São Paulo é conhecida por abrigar a elite paulistana, sendo uma das áreas mais valorizadas da cidade, no entanto é vizinha da Segunda maior favela do estado: Paraisópolis.

A área foi ocupada por volta de 1930 por imigrantes japoneses e a partir daí iniciou um crescimento desordenado e resultou em assentamentos irregulares. Por volta de 1970 começaram os conflitos entre os ocupantes ilegais e os proprietários das terras, devido a sua valorização, ocorrendo tentativas de remoção da comunidade por parte do setor público e do interesse privado, porém não obtiveram sucesso.

A partir de então iniciou-se a construção de condomínios fechados e mansões no Morumbi, fazendo divisa com a favela e implicando em um grande contraste de caráter social.

2. Como no caso da demolição de mocambos no Recife e nas expulsões e proibição de favelas no Rio de Janeiro (MELO, 1985, apud MAGALHÃES; VILLAROSA, 2012).



## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Atualmente as abordagens contemporâneas consideram a favela como parte da cidade, passando-se a falar cotidianamente em urbanização de favelas. Todavia, em paralelo a esse novo conceito é perceptível a contradição quando se constata o processo de gentrificação, o qual define o procedimento de recuperação do valor imobiliário de determinada área, que resulta na expulsão de classes menos favorecidas da população.

### 2.1.2 Urbanização de favelas no Brasil

A Prefeitura Municipal de São Paulo caracteriza o termo Urbanizar como levar infraestrutura urbana a áreas que não a possuem, construir redes de água e esgoto e criar áreas verdes e de lazer, além de acesso a saúde, educação e segurança. O presente trabalho assumirá o termo a partir desse conceito e o aplicará em uma favela existente.

A questão das favelas no Brasil vem tomando grandes dimensões, segundo o censo do IBGE de 2010 estima-se que 11,42 milhões de brasileiros vivam hoje nesses assentamentos, representando 6% da população, nas figuras 11 e 12 podemos analisar esse percentual que cada região representa. Devido a esses números, os processos de urbanização vêm tomando maiores proporções, principalmente nas grandes cidades.

Atualmente temos uma enorme quantidade de projetos de urbanização de favelas sendo desenvolvidos no país, em grande maioria por programas governamentais e pequenas participações da iniciativa privada, podendo destacar como principais objetivos a colocação de infraestrutura, melhoria habitacional e desenvolvimento socioeconômico da população.

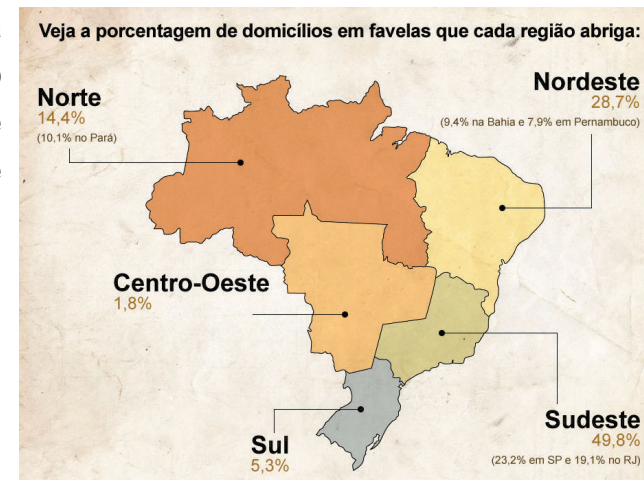


Figura 11 - Domicílios em favelas no Brasil (2010)  
FONTE: terra, 2010

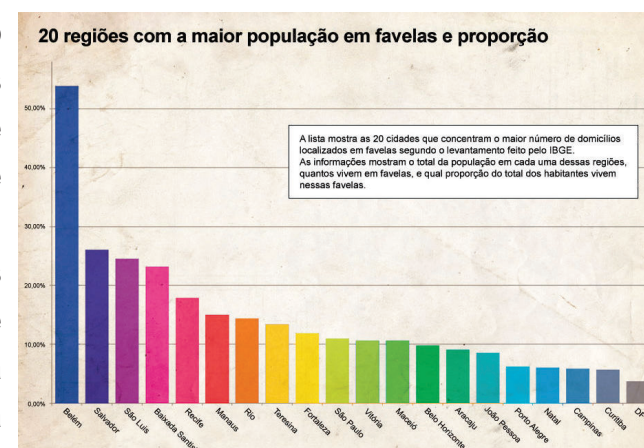


Figura 12 - População em favelas por região  
FONTE: terra, 2010

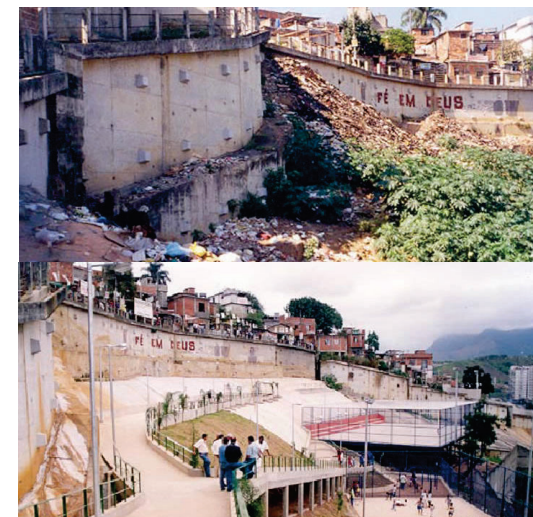
## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estado do Rio de Janeiro destaca-se quando falamos de políticas urbanas para favelas, devido a possuir o maior índice de habitantes vivendo nessas condições, dando ênfase para a cidade do Rio de Janeiro que possui 22,03% de sua população vivendo em favelas (IBGE, 2010) número muito elevado em relação à média nacional.

É válido citar duas importantes intervenções na cidade do Rio de Janeiro, a primeira delas o Favela-Bairro<sup>3</sup> (fig. 13) que foi iniciado a partir das diretrizes do Plano Diretor de 1992, com objetivos de viabilizar a implementação de melhorias urbanísticas, dentre elas a infraestrutura urbana, acessibilidade e a criação de equipamentos urbanos que visam obter integração social. Contudo, após a intervenção em sete favelas a prefeitura concluiu através do censo do IBGE (2000) que as obras de urbanização não trouxeram alterações significativas no que diz respeito a situação econômica, todavia, houve um crescimento populacional de mais de 200% onde o programa foi implantado, o que significa que o mesmo estimulou o crescimento desses assentamentos.

O Morar Carioca<sup>4</sup> (fig. 14) propõe a incorporação de conceitos de sustentabilidade ambiental, moradia saudável e ampliação nas condições de acessibilidade. Tem como objetivo urbanizar todas as favelas da cidade até o ano de 2020. Para que isso fosse viável foi feita uma parceria com o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-RJ), o qual promoveu concursos de metodologias de urbanização de favelas. Foram selecionados 40 escritórios aptos a desenvolver os projetos, desencadeando uma nova experiência para a urbanização de favelas.

### INTERVENÇÕES NO RIO DE JANEIRO



**Figura 13** - Programa Favela-Bairro, imagem antes x depois do programa em favela no Rio de Janeiro.  
FONTE: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 2013



**Figura 14** - Projeto programa Morar Carioca prevê a urbanização de cerca de 2015 comunidades até 2020.  
FONTE: Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 2013

3. Programa Favela-Bairro – Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1998.

4. Morar Carioca – Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2010.



## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1.3 Terminologias

É possível afirmar que a ideia de precariedade está associada a vários fatores, dentre eles a pobreza, vulnerabilidade, insegurança e fragilidade, assim surgiram vários conceitos para classificar áreas habitáveis que possuem essas características. Destes podemos destacar os mais utilizados: Favelas, cortiços, comunidade, loteamentos e/ou assentamentos irregulares, aglomerados subnormais e vilas.

Vila é um termo utilizado para nomear favela sem a utilização da expressão, porém com o mesmo significado. Segundo Meirelles e Athayde (2014) a palavra foi adotada pelo estado do Rio Grande do Sul em forma de tentar abolir a favela, devido ao preconceito que a própria palavra gera, assim as comunidades carentes foram nomeadas: Vila Farrapos, Vila Mário Quintana, Vila IAPI, Vila Assunção, Vila Tecnológica, entre diversas outras.

Devido à localização do recorte (situado no estado do Rio Grande do Sul) o presente trabalho irá se referir a sua área de intervenção utilizando a expressão Vila.

<b>Favela</b>
Aglomerados de domicílios autoconstruídos, dispostos de forma desordenada, geralmente densos e carentes de serviços públicos essenciais, ocupando terreno de propriedade alheia (pública ou particular). Assentamentos que carecem de direito de propriedade e constituem aglomerações de moradia de qualidade abaixo da média. Sofrem carências de infraestrutura, de serviços urbanos e de equipamentos sociais e/ou estão situados em áreas geologicamente inadequadas e ambientalmente sensíveis.
<b>Cortiços</b>
Habitações coletivas construídas por edificações subdivididas em cômodos alugados, subalugados ou cedidos a qualquer título, superlotadas e com instalações sanitárias de uso comum dos moradores dos diversos cômodos.
<b>Cominidade</b>
Em biologia, comunidade é o conjunto de todos os organismos vivos, de todos os tipos que habitam um ecossistema. O termo também é utilizado para referenciar favelas.
<b>Loteamento/assentamentos irregulares</b>
Área ocupada por moradores de baixa renda, sem aprovação do poder público ou sem atender às condições exigidas no processo de aprovação, geralmente caracterizadas pela autoconstrução das unidades habitacionais ou precariedade de infraestrutura urbana básica.
<b>Aglomerados Subnormais ( Termo adotado pelo IBGE em 2006 para substituir FAVELA)</b>
Conjunto constituído de no mínimo 51 unidades habitacionais (barracos, casas...) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral de forma desordenada e densa.
<b>Vila</b>
Aglomerado populacional. Termo utilizado no estado do Rio Grande do Sul para classificar os assentamentos irregulares.

**Tabela 2:** Terminologias Contemporâneas

FONTE: Elaborado a partir de : Ministério das cidades, UN/Habitat, IBGE

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.2 Os “REs” das intervenções urbanas

Por volta 1960 os planos urbanísticos passaram a ganhar denominações acompanhadas do prefixo “RE” que representa um movimento de volta, algo que repete o que já é existente de uma nova forma, ou seja, uma **REFORMA**. Esses novos conceitos buscam o princípio de **RECUPERAR**, dinamizando e qualificando o espaço urbano. A partir dos termos mais utilizados, segue abaixo conceitos que poderiam estabelecer alguma relação com o tema proposto:

#### Renovação Urbana

Implica na demolição e substituição dos elementos preexistentes

#### Revitalização Urbana

Utiliza-se o termo para destacar projetos que vão além da reabilitação física e dos efeitos sociais e econômicos associados. Faz referência a vida, evocando a ação de promover nova vida em um tecido esgotado. Os projetos de revitalização introduzem ou restauram o equilíbrio num sistema urbano degradado.

#### Requalificação Urbana

Permite recuperar espaços desqualificados e desvalorizados, através de uma intervenção que tem de ser integrada, abrangendo vários componentes da vida urbana, trata-se de recuperar o valor patrimonial da cidade, que se associa à própria noção de urbanidade, à qualidade de cidade enquanto tal.

#### Reabilitação Urbana

Apresenta um misto de reabilitação, revitalização, salvaguarda e reutilização. Trata-se de reabilitar a qualidade urbana, ou seja, promover uma mudança de condição urbana, abrangendo aspectos tão diversos, como sociais, culturais e ambientais. Tem o duplo objetivo de restaurar o patrimônio urbano e melhorar a qualidade de vida, mantendo a população residente

**Tabela 1:** Os “REs” das intervenções urbanas

FONTE: elaborado a partir de TAVARES(2008)

#### PROJETO NOVA LUZ (reabilitação urbana)



**Figura 15**



**Figura 16**



**Figura 17**

Figuras 15, 16 e 17: Projeto Nova Luz - São Paulo  
FONTE: Prefeitura Municipal de São Paulo, 2014

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.3 Gentrificação

Gentrificação é uma palavra adaptada do termo inglês "Gentrification" e não consta nos dicionários em Português, possui cerca de 50 anos, mas ainda é tratado como uma novidade. O responsável pela definição do termo foi o escocês Neil Smith, professor de Antropologia e geografia da City University of New York e seus estudos foram fundamentais para compreender o fenômeno.

Segundo Zolini (2007) o termo significa a valorização imobiliária ou enobrecimento do espaço urbano que provoca o deslocamento dos moradores originais de determinada área para outra, ou seja, a expulsão dos habitantes, principalmente de classes sociais menos favorecidas, devido ao encarecimento do custo de vida da região.

#### Exemplos

##### EX. 01 - JOHANNESBURG

Em Johannesburg, África do Sul, especialmente no bairro Maboneng muitas famílias foram expulsas do edifício onde moravam para dar lugar a urbanização da área que hoje tornou-se um foco de artes e moda, com espaços de estúdios e apartamentos luxuosos, devido a falta de contratos de locação da área, que se apresentava como área de invasão, os habitantes perderam suas moradias e foram buscar abrigos em outra área da cidade.



Figura 18 - Edifício Industrial Maboneng  
FONTE: ibtimes, 2012

##### EX. 02 - SÃO PAULO

Segundo reportagem da revista The New York Times, a construção do Itaquerão (Estádio do Corinthians) na zona Leste da cidade de São Paulo é um monumento a gentrificação, devido à valorização imobiliária em torno do estádio, a população de baixa renda que habita essa área tem recebido ofertas de especuladores e vendido suas propriedades, buscando locais para moradia nas áreas periféricas da cidade.



Figura 19 - Favela da Paz (visinha do Itaquerão)  
FONTE: uol, 2014



## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.4 Planejamento Urbano

A partir de problemas enfrentados pelas cidades, tanto os não resolvidos pelo urbanismo moderno como os por ele causados, surge o conceito de Planejamento Urbano, expressão vinda da Inglaterra e dos Estados Unidos que marcou uma mudança na forma de encarar os problemas da cidade.

De acordo com Souza (2006) planejar é tentar simular os desdobramentos de um processo, com o objetivo de melhor precaver-se contra prováveis problemas ou, tirar partido de prováveis benefícios. Logo, planejamento é a preparação para gestão futura, buscando-se evitar ou minimizar problemas e ampliar margens de manobra. O planejamento urbano é então uma ferramenta de estudo para qualificar a cidade e a sociedade, o processo de preparar um conjunto de decisões para a ação futura, a idealização, criação e desenvolvimento de soluções que visam melhorar o espaço urbano.

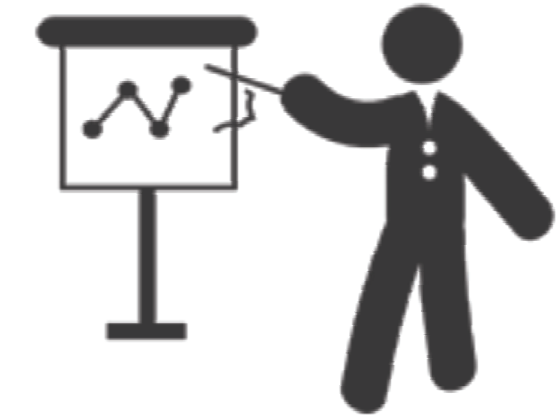


Figura 20 - Esquema de planejamento  
FONTE: agenciainfoweb, 2015

Souza (2006) afirma que quatro são os elementos fundamentais de qualquer atividade de planejamento:

- Pensamento orientado para o futuro;
- Escolha entre alternativas;
- Consideração de limites, restrições e potencialidades: consideração de prejuízos e benefícios;
- Possibilidade de diferentes cursos de ação, os quais dependem de condições e circunstâncias variáveis.



Figura 21 - Esquema de planejamento  
FONTE: urbanidades, 2014

Construir cenários faz parte do planejamento urbano, simula desdobramentos sem a preocupação de quantificar probabilidades, a partir de diretrizes e intenções projetuais que resultarão no projeto, buscando um único objetivo: o desenvolvimento urbano.



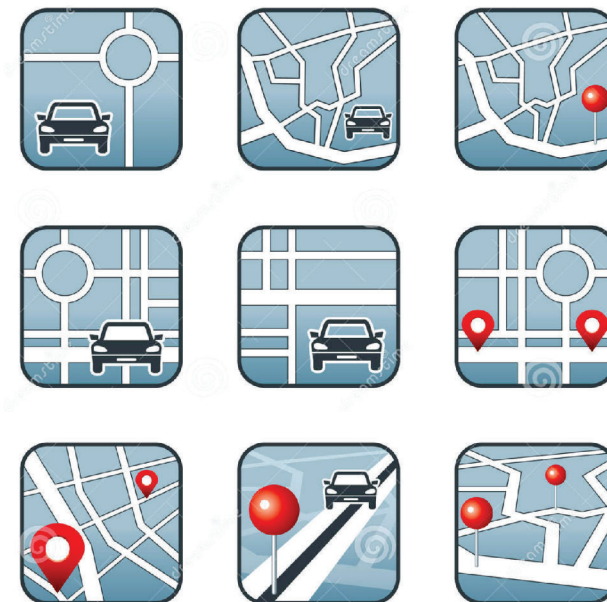
## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.4.1 Desenvolvimento Urbano

Segundo Souza (2005) a preocupação com o desenvolvimento se deu a partir da década de 50, sendo que o termo é normalmente tomado como uma simples forma abreviada de se referir ao desenvolvimento econômico. Todavia, quando falamos em desenvolvimento urbano a abrangência do termo é muito maior, é o resultado do planejamento e gestão que buscam superar os problemas da cidade e da sociedade enfatizando os fatores de justiça social e melhoria na qualidade de vida.

Vale a pena ressaltar, em passant, que, a partir do momento em que se assume que a finalidade do planejamento e da gestão urbanos é contribuir para a mudança social positiva, e que o planejamento é uma estratégia de desenvolvimento sócio-espacial, a modificação de um hábito mental frequentemente bastante arraigado se impõe: não é razoável cultivar um campo como "teoria do planejamento" que não seja como um subconjunto de uma reflexão teórica sobre a sociedade e, mais especificamente, sobre a mudança social. (SOUZA, 2006, pag. 73).

Assim o desenvolvimento urbano está diretamente associado a intervenções para qualificar a cidade, o que não deve ser confundido com a expansão do tecido urbano que remete a crescimento. Atualmente os dois termos são facilmente confundidos, porém não possuem o mesmo significado, desenvolvimento urbano não se refere apenas ao aumento da área urbanizada ou a uma modernização e sofisticação do espaço urbano, mas sim um desenvolvimento sócio-espacial na e da cidade.



**Figura 22** - Exemplo de desenvolvimento urbano (pensar a cidade - sistema viário / mobilidade).  
FONTE: dreamstime, 2015

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.4.2 Problemas urbanos e conflitos sociais

Os problemas urbanos são destaque hoje na maioria das cidades brasileiras, independentemente do tamanho, população e localização, nosso dia a dia está rodeado de violência, criminalidade, segregação social, péssimas condições de moradias (aglomerados subnormais), degradação ambiental, problemas de tráfego (mobilidade), entre tantos outros.

O espaço urbano está diretamente vinculado a tais problemas, sejam eles relacionados ao modo de vida, as formas espaciais da cidade ou a táticas de sobrevivência, o desenvolvimento urbano tem por objetivo amenizar, controlar e até mesmo erradicar essas situações. Para Souza (2005) existem dois tipos de problemas urbanos: a pobreza e a segregação residencial.

A pobreza urbana se destaca tanto pela forma de expressão espacial (favelas, periferias ou áreas de obsolência), quanto pelas estratégias de sobrevivência, sendo elas legais ou ilegais, geralmente vinculada ao comércio ambulante ou ao tráfego de drogas. A segregação residencial é um fenômeno urbano que acontece devido à falta de interação entre diferentes grupos sociais e as más condições de moradia.

A reação da população perante aos problemas urbanos variam geralmente de acordo com a classe social e as circunstâncias, acarretando em migrações muitas vezes dentro da própria cidade devido à falta de segurança em permanecer em seu local de origem, de acordo com Jacobs (2000) o principal atributo de um distrito urbano próspero é que as pessoas se sintam seguras e protegidas. Essas migrações acabam contribuindo com a segregação espacial e aumentando ainda mais a problemática.

O presente trabalho possui uma relação direta com os dois problemas citados por Souza (2005), pois é a realidade da população residente no recorte escolhido (Vila Farrapos, Porto Alegre – RS) e o principal objetivo é promover o desenvolvimento urbano através de soluções que contribuam para a erradicação desses problemas.



Figura 23 - Problemas urbanos  
FONTE: dreamstime, 2015



Figura 24 - Problemas urbanos (favela)  
FONTE: dreamstime, 2015

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.5 A questão da Habitação de Interesse Social

Os direitos fundamentais do homem vêm sendo construídos ao longo da história da humanidade, a questão da moradia foi uma das primeiras preocupações do homem primitivo, buscando um lugar capaz de protegê-lo, na atualidade essa preocupação continua, pois infelizmente existe uma parcela relevante da população vivendo em péssimas condições de habitabilidade.

Segundo Cirne (2011) o direito à moradia surge com extrema e essencial relevância para a construção de uma sociedade justa, o que consiste na ocupação de um local como residência para fins de habitação, não garantindo à casa própria, mas sim um abrigo permanente para si e sua família. Implantado, em 1948 na Declaração Universal dos Direitos Humanos e propagada na Constituição Federal de 1988, a moradia está inclusa nos direitos sociais, que ainda abordam a saúde, educação, alimentação, segurança, entre outros.

#### 2.5.1 No Brasil

A qualidade e quantidade de moradias para a classe de baixa renda passaram a ser percebidas pelo estado brasileiro como graves problemas a partir da abolição da escravidão e da proclamação do regime republicano (FINEP-GAP, 1985, apud, MIRON, 2008). Os métodos de produção mudaram das práticas artesanais e corporativas para a produção em série, o que resultou na revolução industrial, assim a população rural passou a migrar para os centros urbanos em busca de trabalho. Com o crescimento acelerado das grandes cidades as áreas periféricas passaram a ser habitadas pelos trabalhadores constituindo aglomerados urbanos com más condições de habitabilidade.



Figura 25 - Moradia Digna  
FONTE: moradiadigna, 2013



Figura 26 - Charge - Direito à moradia  
FONTE: ricostudio, 2015





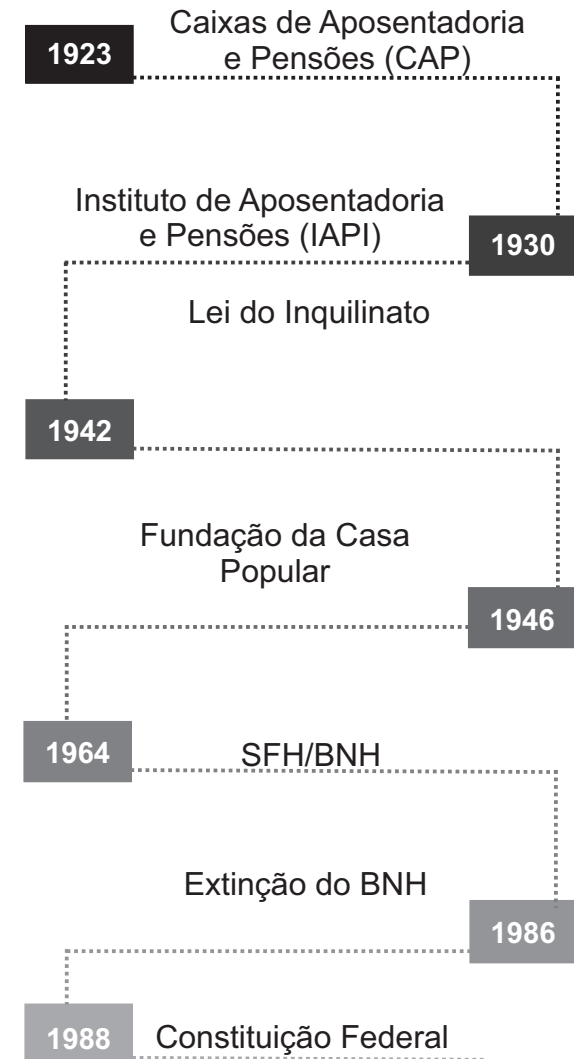
## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### Linha do tempo - Políticas Públicas Habitacionais no Brasil

A partir de 1923 surgiram as Caixas de Aposentadorias e Pensões (CAP) que mais tarde serviram de modelo para a criação do Instituto de Aposentadoria e Pensões (IAPÍ), criadas na década de 1930 para atender a reivindicações dos ferroviários, estendendo-se para outras categorias de trabalhadores (BONDUKI, 2004). Em 1930 foi difundida a ideia da casa própria dentro dos parâmetros populistas de Vargas, considerando as intervenções dos espaços urbanos e sua população. Assim, em 1940 deu-se o início das ações do Estado no setor habitacional, assumindo a habitação como condição básica para a reprodução da força de trabalho, uma das estratégias para a redução de gastos com a moradia foi o congelamento dos aluguéis com a Lei do Inquilinato (1942).

A criação do Sistema Financeiro Habitacional (SFH) e o Banco Nacional de Habitação (BNH), em 1964, significou uma nova fase para a política habitacional voltada para a população de baixa renda (OLIVEIRA, 2012). As habitações populares e as infraestruturas financiadas pelo BNH foram promovidas pelas COHABIs (Cooperativas Habitacionais municipais ou estaduais) para famílias com rendas entre três e cinco salários mínimos. Porém, o acesso ao mercado habitacional ainda era difícil aos trabalhadores o que deu origem ao processo de favelização.

Em 1986 o BNH foi extinto e suas atribuições passaram a ser de responsabilidade da Caixa Econômica Federal, que assumiu a função de controlar os recursos e obteve autonomia para a implementação da política vinculada ao SFH. Depois de décadas da política habitacional, a permanência de um elevado déficit concentrado na baixa renda evidencia o fracasso dos programas públicos e a incapacidade dos mecanismos de mercado para o enfrentamento do problema (BONDUKI, 2008).



## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

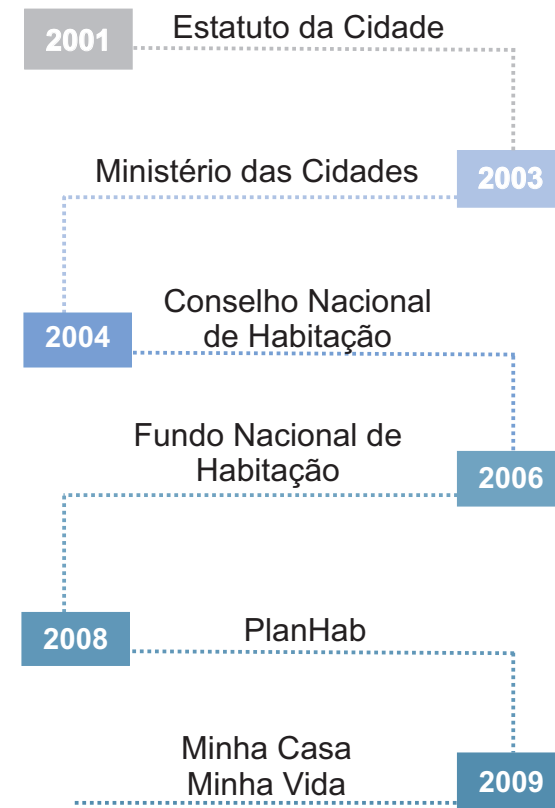
Já em 1990, durante o governo de Fernando Collor de Mello, decisões equivocadas e marcadas por suspeitas de corrupção levou a paralização total dos financiamentos com recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). Entretanto, em 1994 o Governo Federal lançou os programas Habitar Brasil e Morar melhor, com recursos do Orçamento Geral da União. A partir de 1995, no governo do então Presidente Fernando Henrique Cardoso ocorre a retomada dos financiamentos com recursos do FGTS e a Secretaria de Política Pública Urbana divulga o documento Política Nacional de Habitação.

A partir de 1999 ao invés de ações isoladas deu-se continuidade aos programas Habitar Brasil e o projeto Moradia tornou-se base do programa eleitoral do futuro presidente para a área de habitação e desenvolvimento urbano. Em 2003 foi criado o Ministério das Cidades e foi realizada a primeira Conferência Nacional das cidades (OLIVEIRA, 2012), que propôs a criação do Conselho Nacional de Habitação, instalado em 2004.

Em 2006 deu-se a criação do Fundo Nacional de Habitação e entre 2007 e 2009 foi elaborado o Plano Nacional de Habitação (PlanHab), no mesmo ano foi lançado o Minha Casa Minha Vida (Programa Habitacional Popular) que atualmente funciona com a concessão de financiamentos. Nas últimas décadas a preocupação com a questão habitacional se tornou maior e os resultados melhoraram, porém o déficit ainda é grande e os programas governamentais precisam melhorar bastante para conseguir suprir as necessidades da população.

### 2.5.2 Em Porto Alegre

As melhorias na qualidade de vida da cidade obtiveram reconhecimento mundial, principalmente no que tange seus programas de inclusão social e redução da pobreza, bem como por seus consagrados processos de administração participativa (SMOLKA, DAMÁSIO, 2006, apud, MIRON, 2008).



## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Através dos Institutos de Pensão (IAPI) foram construídos em Porto Alegre vários conjuntos habitacionais de interesse social nas décadas de 1940 e 1950 (fig. 20), no entanto nessa época os programas propostos pelo governo Federal não eram suficientes para a grande demanda habitacional, então foi enviada uma carta ao prefeito com a assinatura de vinte e cinco sindicatos de trabalhadores pedindo soluções para a escassez de moradia. Diante da demanda o governo fundou em 1946 a Comissão da Casa Popular, com objetivo de construir casas a baixo custo.

De acordo com o Plano Municipal de Habitação de Interesse Social (2009) a Prefeitura Municipal criou em 1949 o Serviço de Habitação Popular, com a tarefa de realizar a venda de terrenos acessíveis e a remoção de Vilas da zona urbanizada. Entre 1952 e 1964 o setor entregou 2.440 casas de baixo custo e 5.190 lotes. Todavia, em 1964 o governo decidiu fechar o departamento por falta de verbas do governo Federal e a cidade passou a integrar o BNH e a COHAB em seus planos de habitação e então para administrar esses planos o setor foi renomeado com Departamento Municipal e Habitação (DEHMAB).

Em 1975 foi implantado o PROMORAR visando manter as Vilas nos espaços onde se encontravam, proporcionando melhorias de infraestrutura e condições urbanísticas. Um grande salto da política habitacional de Porto Alegre se deu através da Lei nº 43 de 21 de setembro de 1979 que instituiu o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) e a criação do Orçamento Participativo dez anos depois.

A partir dos anos 90 surgiram as Cooperativas Habitacionais e então o DEHMAB passa a trabalhar em diferentes programas e projetos utilizando recursos municipais e federais, promovendo o desenvolvimento urbano e ambiental, a inclusão social e a participação popular.



**Figura 27** - Construção Vila IAPI (Porto Alegre - 1950)  
FONTE: clicrbs, 2012



**Figura 28** - Entrega de casas na Vila Farrapos (População foi removida de diversas Vilas e alojadas para o local)  
FONTE: Zero Hora, 15 de maio de 1966, p. 11 apud autor





### 3. REFERENCIAIS





### 3. REFERENCIAIS

#### 3.1 Projeto urbanístico Nova Luz

O projeto urbanístico Nova Luz é um projeto de **REABILITAÇÃO** urbana em um recorte totalmente edificado no coração da cidade de São Paulo. É proposto para **RESGATAR** a área com a incorporação de novos usos, o aumento da população residente, ampliar e dinamizar os usos existentes e a adoção de conceitos urbanos sustentáveis que contribuirão para o **DESENVOLVIMENTO** da cidade como um todo.

**Autor:** Prefeitura Municipal de São Paulo.

**Data:** Julho de 2011.

**Local de intervenção:**  
Centro da cidade de São Paulo.



**Figura 29** - Vista aérea ilustrativa do perímetro integral do projeto.  
FONTE: Prefeitura Municipal de São Paulo, 2011

#### DIRETRIZES:

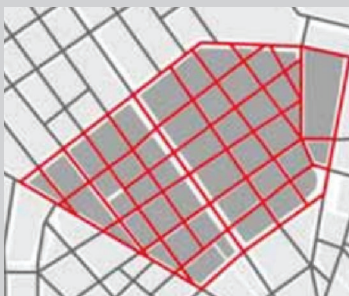
- Criação de uma intervenção inclusiva para todos os grupos socioeconômicos;
- **Mistura de usos** residenciais, comerciais, culturais, cívicos e educacionais;
- Ligação com **bairros adjacentes** para criar um atrante no setor urbano de uso misto;
- Promoção de padrões de **desenvolvimento sustentável**;
- Atração de uma ampla gama de **faixas etárias** e estilos de vida para o “coração” da cidade;
- Facilitação das viagens **a pé** ou de **bicicleta**;
- Uso eficiente do solo urbano;
- Retorno do **uso residencial** no centro;
- Potencialização das atividades **comerciais**.
- Atração de novas atividades econômica;
- Incorporação e potencialização de atividades ligadas a **cultura** e **entretenimento**;
- Provimento de novos espaços e **equipamentos públicos** de qualidade;
- **Qualificação ambiental** e urbanística.

### 3. REFERENCIAIS

Para estabelecer e alcançar um projeto urbano estruturado e coerente, alguns princípios foram estabelecidos de forma a incorporar no desenho soluções relacionadas às potencialidades e oportunidades da área. São esses princípios que servirão de **referencial** tanto **metodológico**, quanto **projetual** para o trabalho a ser desenvolvido, buscando relacioná-los com a área estudada.

#### PROTEGER A MALHA URBANA

A malha urbana na forma quadriculada é uma das principais características do bairro e deve ser preservada. Os bulevares que circundam e cortam a área proporcionam acessibilidade e conexão com o entorno. A proposta é propor um mini anel viário que garanta o acesso ao interior da área nova luz sem comprometer a qualidade urbana.



#### DEFINIR PORTAIS

Reconhecer e acentuar os pontos de entrada para a Nova Luz. Os pontos fundamentais de acesso são destacados através da criação de referência urbanas que funcionam como portais.



#### CONECTIVIDADE

Promover conexões francas com o entorno, melhorando a acessibilidade e deslocamentos entre os setores, fomentando caminhadas nas áreas comerciais e de lazer.



#### REDE DE ÁREAS VERDES

Criar um sistema de espaços públicos de diferentes escalas associados aos existentes, criando uma ampla gama de funções e atividades em áreas públicas.



#### ACESSIBILIDADE ÀS CONEXÕES

Potencializar acessibilidade aos principais pontos de conexão da cidade, proporcionada pelo sistema de transporte público local.



#### ÂNCORAS URBANAS

As âncoras estão localizadas estrategicamente e são capazes de atrair público para as atividades de lazer, cultura e comércio.





### 3. REFERENCIAIS

#### 3.2 Concurso Renova SP - Morro do S4

##### RENOVA SP

O Concurso Renova SP realizado pela Prefeitura Municipal de São Paulo tem como principal objetivo a contratação de projetos de arquitetura e urbanismo, que pretende realizar a **urbanização de favelas** e assentamentos precários, prevendo a implantação de infraestrutura urbana, drenagem, construção de espaços públicos e novas unidades habitacionais.

##### MORRO DO S4

O primeiro lugar do Concurso para o Morro do S4 foi concedido ao escritório **Vigliecca e associados**, que apresentou como objetivo essencial propor o entendimento de que a Habitação de Interesse Social não é um problema de quantidade, nem de custo, nem de tecnologia, o objetivo essencial é a construção da cidade.

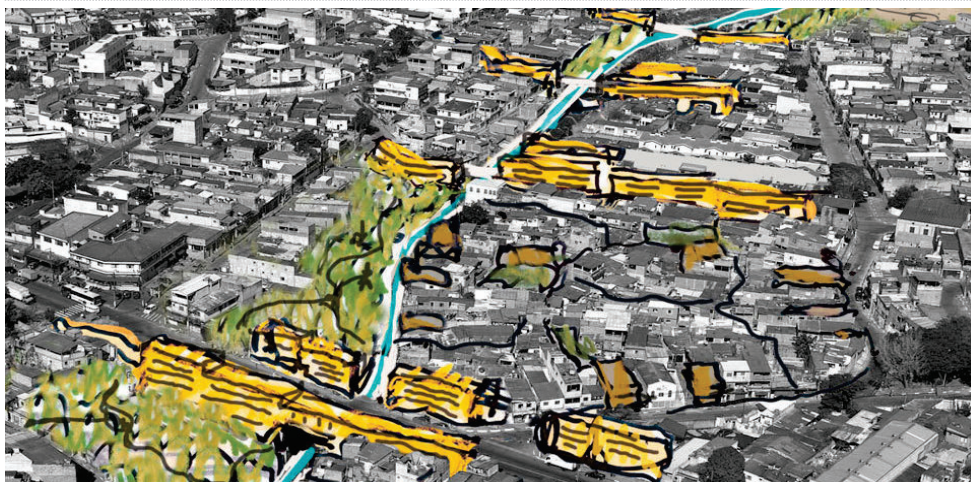


Figura 30 - Estudo de implantação  
FONTE: Vigliecca, 2011

**Autor:** Escritório Vigliecca  
Associados.

**Data:** 2011.

**Área de intervenção:** 388ha

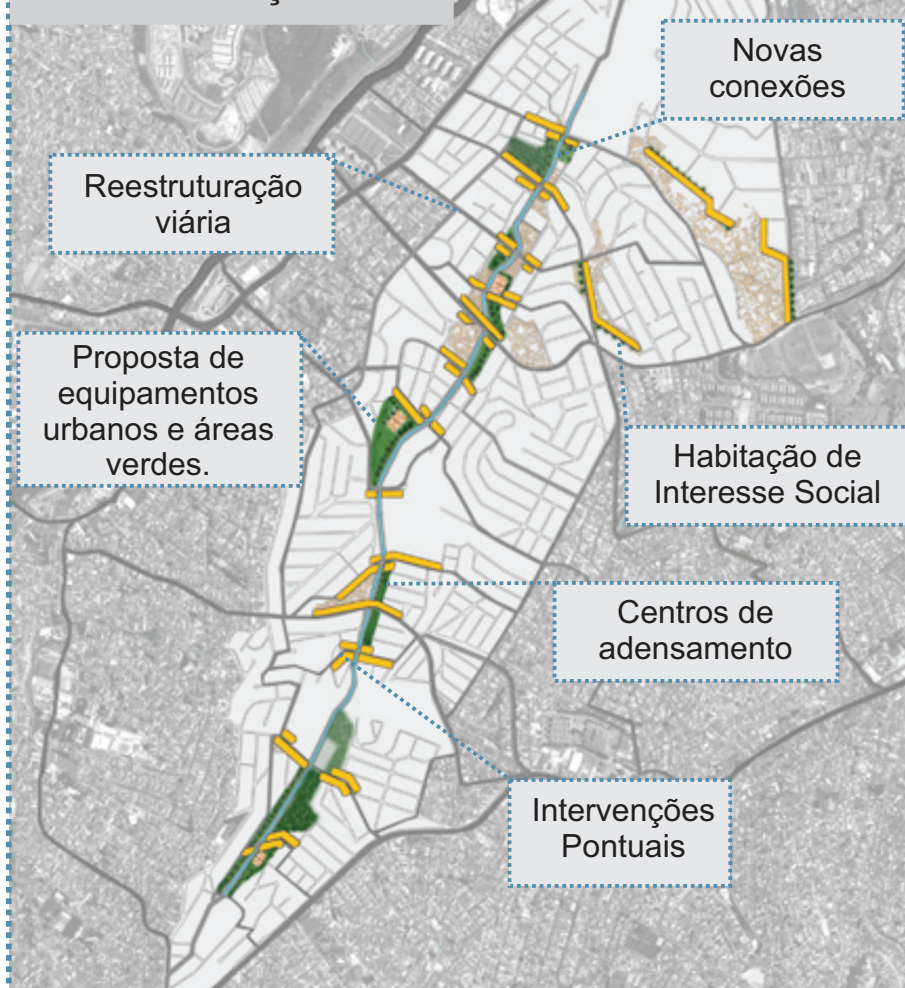
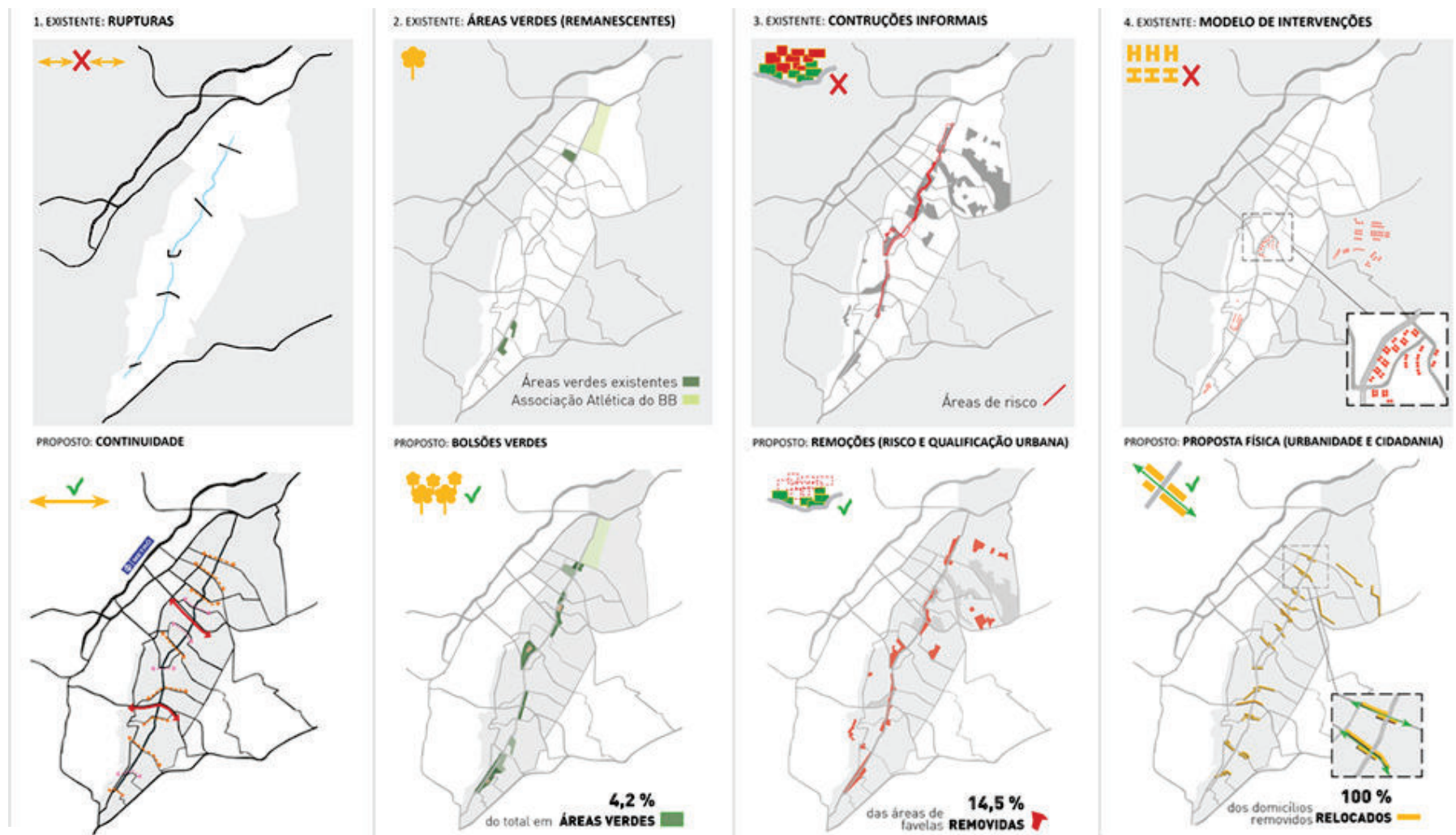


Figura 31 - Perímetro de intervenção  
FONTE: Vigliecca, 2011



### 3. REFERENCIAIS

A proposta não trata da substituição total da condição pré-existente. O projeto consiste em um processo de **restituição da urbanidade**, tendo como objetivo gerar uma **nova centralidade** estabelecida pela presença de atividades simultâneas. A partir daí são gerados estudos da área atual e propostas divididas por **setores**, essa metodologia será referência para a elaboração do projeto a ser desenvolvido no presente trabalho.





### 3. REFERENCIAIS

#### Leitura da área (diagnóstico) norteadores da proposta:

**1. Rupturas:** O córrego se configura como uma barreira que divide o tecido urbano física e socialmente. Existem apenas duas conexões consolidadas e três conexões precárias em aproximadamente 5Km de extensão.

**2. Áreas verdes:** As áreas públicas existentes na área de estudo, excluindo as áreas invadidas, representam apenas 1,5% da área total de intervenção.

**3. Construções informais:** Além de estarem situadas em áreas de risco, as construções existentes se caracteriza pela exclusão física e social, ruptura da estrutura urbana pública do entorno e ausência de infraestrutura de drenagem e saneamento geral.

**4. Modelo de intervenções:** O modelo de intervenção altamente reproduzido hoje em dia não estabelece condições urbana de propagação da cidadania e reconstrói novas áreas de exclusão as avessas, também física e socialmente.

Infiltrações de urbanidade

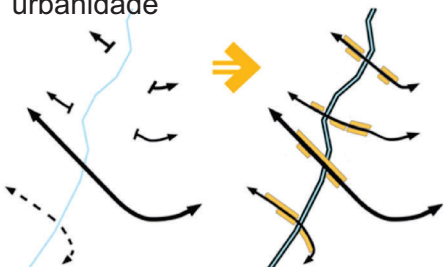


Figura 32 - Estudo da proposta  
FONTE: Vigliecca, 2011

Vazios urbanos e topologias de complementação

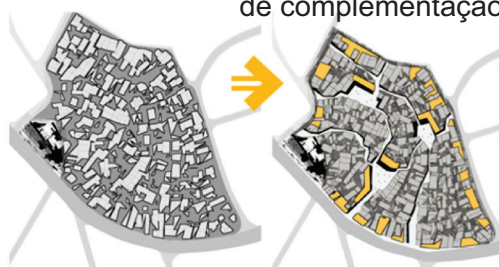


Figura 33 - Estudo de intervenção  
FONTE: <http://vigliecca.com.br>

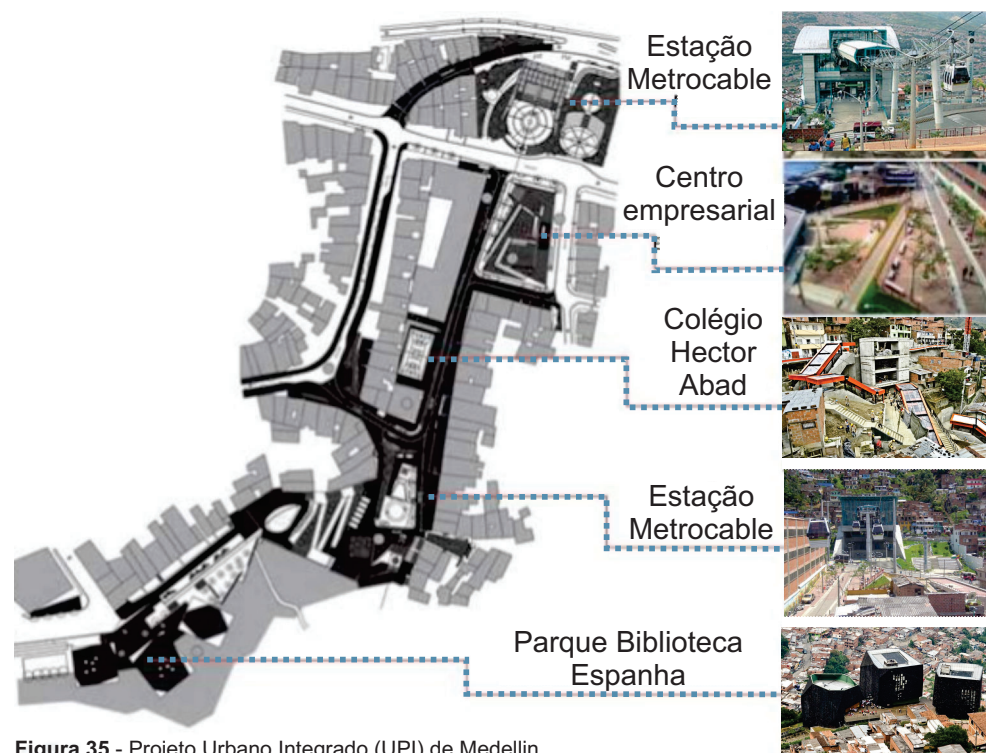


Figura 34 - Proposta de tipologia habitacional  
FONTE: Vigliecca, 2011



### 3.3 Projeto Urbano Integral de Medellin (UPI)

Medellin é a Segunda maior cidade da Colômbia e tem trabalhado para se transformar em um modelo de desenvolvimento urbano sustentável. O foco está nos bairros mais pobres e isolados da cidade, que a menos de duas décadas eram conhecidos pelo criminalismo, violência e tráfico de drogas. O conceito de Projeto Urbano Integral (UPI) criado em 2004 utiliza ferramentas do desenvolvimento social, físico e a coordenação interinstitucional para transformar os setores da cidade com maiores necessidades.



**Figura 35** - Projeto Urbano Integrado (UPI) de Medellin  
 FONTE: Vitruvius, 2014



**Figura 36** - Metrocable  
 FONTE: Vitruvius, 2014



**Figura 37** - Sistema escadas rolantes  
 FONTE: Vitruvius, 2014

Os métodos de implantações pontuais serão utilizados como referência para o desenvolvimento do presente trabalho.

#### OBJETIVOS DO PROJETO:

- **Recuperar** os setores mais pobres da cidade;
- Trabalhar a **integração**, mobilidade, governança, redução da pobreza e da violência em um mesmo projeto espacial;
- Oferecer **desenvolvimento** e prosperidade a toda população;
- Estimular o desenvolvimento econômico e a **inovação**;
- **Projetar a cidade** regionalmente e globalmente;
- Fortalecer instituições democráticas e facilitar a **participação cidadã**.

#### RESULTADOS:

- **553 mil habitantes** são transportados pelo Metrocable todos os dias para diversas partes da cidade;
- **A taxa de homicídios caiu** cerca de 80% entre 1991 e 2010;
- O **sistema de metro** ajuda a reduzir aproximadamente 175 toneladas/ano de Co2 na cidade;
- A **indigência reduziu** 19% de 2002 a 2010;
- Medellin foi **premiada** em 2013 como a cidade mais **inovadora** do mundo pelo Urban Land Institute.

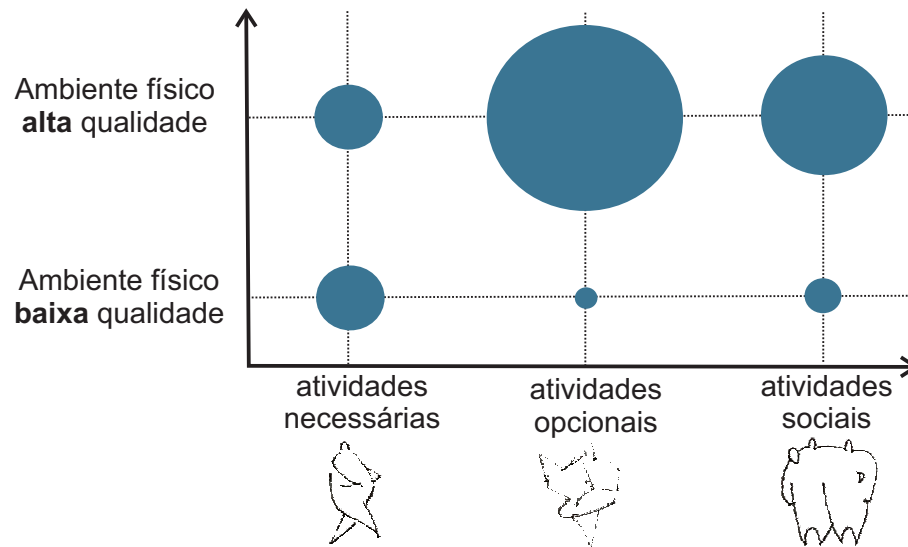
### 3. REFERENCIAIS

#### 3.4 Cidade para pessoas

O livro Cidade para pessoas de **Jan Gehl** (2013) é o principal referencial teórico para a elaboração da proposta do presente trabalho. Com conceitos e fundamentos para um bom resultado no planejamento urbano, o autor apresenta cenários e comparações de diversas cidades do mundo enfatizando pontos de destaque a serem utilizados por urbanistas, visando sempre a dimensão humana, dimensão necessária de um novo planejamento.

**“Uma boa cidade é como uma boa festa, os convidados ficam porque estão se divertindo” Jan Gehl**

Atividades opcionais:



**Figura 38** - Representação gráfica da ligação entre qualidade de ambientes externos e atividades ao ar livre. Um aumento na qualidade do ambiente externo estimula, em especial, as atividades opcionais. O aumento no nível de atividade é, portanto, um convite a um substancial aumento das atividades sociais. FONTE: Adaptado de Gehl, 2013

**Quatro objetivos chave:**

Cidades com **vitalidade, segurança, sustentabilidade e saúde**

- Mais ruas = mais tráfego / menos ruas = menos tráfego;
- Melhores condições para bicicletas = mais ciclistas;
- Melhor espaço urbano = Mais vida na cidade;
- Vida, espaços, edifícios - nessa ordem;



**Figura 39** - Fachadas ativas  
FONTE: Gehl, 2013

**“Cidade ao nível dos olhos - a escala mais importante para o planejamento urbano.”  
Jan Gehl**

**Figura 40** - Espaços de transição suaves em áreas residenciais.  
FONTE: Gehl, 2013



#### Princípios de Planejamento: reunir ou dispersar

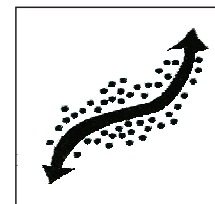
Gehl (2013) apresenta cinco princípios gerais de urbanismo como pré-requisito para o trabalho com a dimensão humana:

- **Distribuir**, cuidadosamente, as funções da cidade para garantir menores distâncias entre elas;
- **Integrar** várias funções nas cidades para garantir versatilidade e uma sensação de segurança nos diversos bairros;
- **Projetar o espaço urbano para fora** e torna-lo convidativo tanto para o pedestre quanto para o ciclista;
- **Abrir os espaços de transição** entre a cidade e os edifícios;
- **Reforçar os convites** para permanências mais longas nos espaço público.

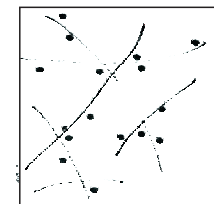


Figura 41 - Espaços de reunir  
FONTE: Gehl, 2013

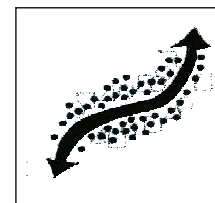
Reunir



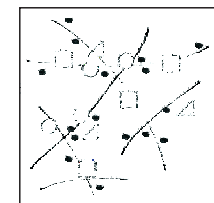
Dispersar



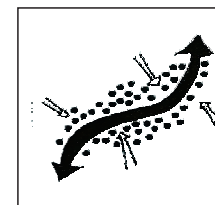
Integrar



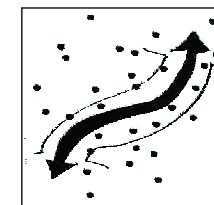
Segregar



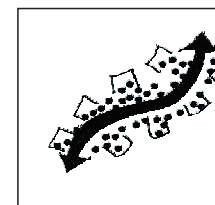
Convidar



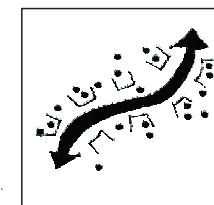
Repelir



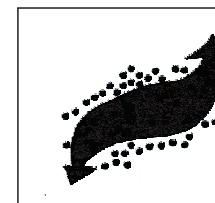
Abrir para



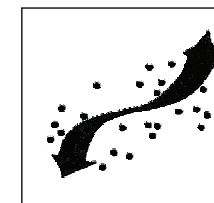
Encerrar



Aumentar



Reduzir





### 3. REFERENCIAIS

#### Convidar - ou repelir contatos no ver e no ouvir

De acordo com Gehl (2013) convidar requer vistas desobstruídas, curtas distâncias, baixa velocidade, permanência no mesmo nível e orientação em direção ao que deve ser visto e experienciado. Contrariamente, linhas de visão interrompidas, grandes distâncias, velocidade alta, edifícios com muitos andares e orientações contrárias à direção das pessoas impedem os contatos de ver e ouvir.

Na ilustração ao lado são destacados métodos e ações de convidar ou repelir, que servirão de referência para a criação de espaços na proposta do presente trabalho.



**Figura 42** - Espaços convidativos  
FONTE: Gehl, 2013

